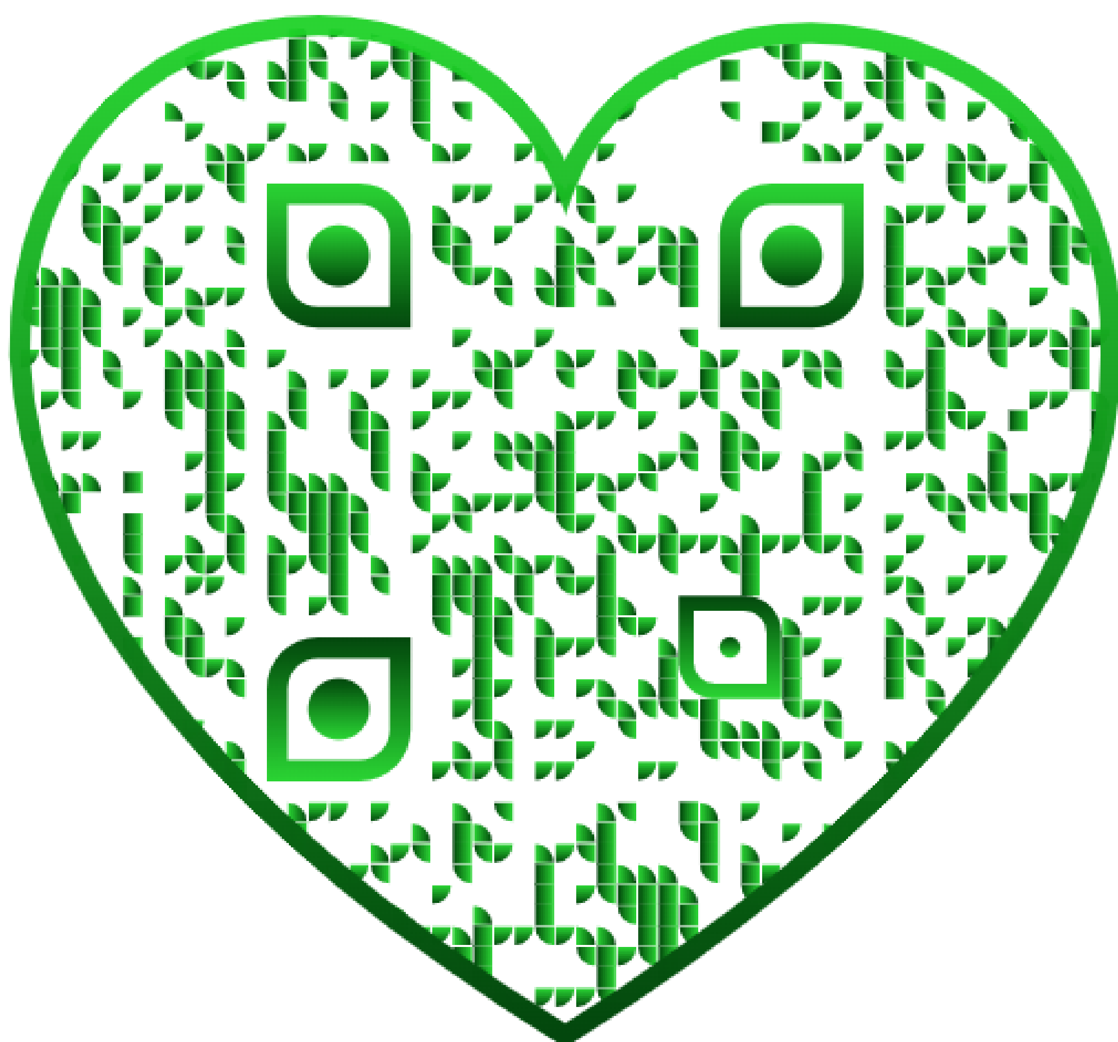
CHARLITTO OGAMI



A PORTA AZUL-TURQUESA



© Charlitto Ogami, 2019

A porta azul-turquesa

Revisão | Jéssica Reinaldo

Capa | Charlitto Ogami

Essa é uma obra de ficção, qualquer semelhança com nomes, pessoas, fatos ou situações da vida real é mera coincidência.

A porta azul-turquesa | Charlitto Ogami – Espírito Santo, 2019

I. Contos. II. Literatura de horror III. Ebook

Sempre chega o dia em que um jovem precisa sair de casa. Bater asas e voar, como os pais costumam dizer. A independência tão desejada demora a dar as caras. Principalmente quando você passou vários anos de sua vida sendo um vagabundo, encostado e sugador de toda a renda da sua família, sem nenhuma perspectiva para o futuro. A saga da minha independência familiar pode ser comparada a um antílope que escolheu, inconscientemente, um ninho de cobra como esconderijo para se livrar do ataque de um guepardo.

Meu pai trabalhou duro para me permitir estudar em um colégio decente. Deixou claro que o seu maior sonho era me ver ingressando em uma grande empresa do estado, com um salário digno e desenvolvendo uma carreira brilhante. No entanto, após sair do ensino médio e iniciar um pré-vestibular, me vi sem vocação alguma para a área em que meu pai desejava ver seu filho.

No dia do teste vocacional, o resultado deu que eu deveria cursar faculdade de história. A rotina escolar aumentou com as matérias específicas que eu deveria frequentar no curso. Isso me deu um baita cansaço, resultando em uma série de faltas e saídas no meio das aplicações das matérias. Meu psicológico não aguentou e eu precisei me afastar do colégio por tempo indeterminado, até que eu pudesse me recuperar.

Como era de se esperar, não fui aprovado na primeira fase e, devido ao desânimo em começar um novo pré-vestibular, resolvi descansar uns meses até decidir o que fazer da minha vida. Esses meros meses se tornaram quatro longos anos de pura ociosidade, que só terminaram porque iniciei um relacionamento com uma garota de uma família conservadora. O pai dela não era das pessoas mais simpáticas do mundo e eu percebi que ser apresentado como um pé rapado não cairia bem. Afinal, ele ia exigir que nos casássemos

o mais breve possível. Em casa, meus pais viviam brigando comigo, me insultando e exigindo uma reação de minha parte. Diziam que eu deveria arrumar um emprego e continuar meus estudos ou a situação ficaria feia para o meu lado.

Entrei em um trabalho temporário de fim de ano numa livraria no centro da cidade e, por incrível que pareça, consegui causar uma boa impressão no proprietário, que assinou a minha carteira como funcionário fixo. Com a grana que entrou, me aventurei a sair da casa dos meus pais e ter meu próprio espaço. Consegui, em uma busca rápida na internet, encontrar uma quitinete muito em conta num bairro vizinho ao meu, mobiliado, com água e internet inclusos. Não pensei muito. Liguei imediatamente para a proprietária do imóvel e agendei uma visita ao local no final da tarde daquele dia, logo assim que eu saísse do trabalho.

A rua do bairro era tranquila e a quitinete bem localizada. Ficava no terceiro andar de um pequeno prédio de apartamentos menores. A família Souza era composta apenas de dois idosos sem filhos, a dona Amélia e seu marido Álvaro. Senti pena da velhinha quando ela contou uma triste história sobre a perda de um bebê quando era jovem e que desde então decidiram não arriscar mais. Eles foram muito simpáticos e calorosos, me deixando bem à vontade para explorar os cômodos do local.

Logo que chegamos no andar correto, percebi que a quitinete, nada mais era do que um apartamento que tinha sido dividido ao meio, criando dois espaços habitacionais. Um deles era ocupado pelo casal de proprietários e o outro era o imóvel que estavam alugando. Prontamente caminhei pelos cômodos estreitos, que eu já havia visto pelas fotos no site, percebendo que se tratavam de espaços ainda menores agora que eu estava ali pessoalmente.

O quarto era composto apenas de uma cama de casal e um guarda-

roupa, os dois amontoados no fundo do cômodo, onde havia uma janela de madeira envelhecida e mal pintada. Um corredor de um metro e meio separava o banheiro de uma cozinha, ambos do mesmo tamanho. Resolvi não me importar com todo aquele aperto, pois o que mais me chamou a atenção, foi a grande sala com uma TV de 40 polegadas e um imenso sofá-cama confortável. Na parede lateral, uma estante espaçosa e uma mesa para estudos com um roteador *wireless*, onde eu poderia colocar meu laptop e fazer meus acessos à internet.

Até aí tudo bem, tinha encontrado minha liberdade e faria questão de esfregá-la na cara de meus pais. Mas uma coisa naquele espaço me incomodou logo de cara: a presença de uma porta bem atrás do sofá. Ela era feita de mogno, madeira maciça e toscamente pintada de azul-turquesa. Me perguntei se a porta dava acesso a um outro cômodo. Entretanto, ela estava bloqueada pelo grande sofá-cama cor de creme, que se encontrava encostado em sua frente. E é claro que questionei a existência da porta aos dois velhinhos, que prontamente me informaram que o senhor Álvaro tinha pretensão de futuramente comprar um sítio e transformar novamente aqueles dois imóveis em um apartamento só. Fiquei sabendo que a porta dava acesso a um quarto utilizado para guardar móveis e objetos que não eram mais utilizados pelo casal. O senhor Álvaro inclusive me garantiu que não haveriam barulhos vindos do outro lado e que presariam pelo meu bem-estar. Um cheiro de pó de café queimado invadiu a sala naquele momento, fazendo os dois idosos encerrarem a minha visita rapidamente.

No sábado da semana seguinte eu estava retirando da caminhonete os meus poucos pertences e subindo aquelas escadas para passar meu primeiro dia como um homem independente. Alice, minha namorada, veio me visitar no fim da tarde e aproveitamos nosso momento juntos para terminar de

desencaixotar meus objetos e botar em dia alguns seriados até o anoitecer, curtindo a privacidade conquistada.

Nos despedimos um pouco antes das dez da noite, pois Alice precisou voltar para casa a mando de seu importuno pai. Era uma situação desagradável para mim namorar uma garota filhinha de papai, ainda mais nos dias atuais. O conceito antiquado dele me davam nos nervos, mas o meu amor por ela era maior do que qualquer problema, então eu tentava ser compreensivo e levava essa história com cautela até o dia em que eu pudesse pedir sua mão em casamento. Isso eu tinha certeza de que faria.

Depois que Alice foi embora, continuei deitado na sala assistindo a um filme e trocando mensagens com ela até as onze da noite. Comecei a sentir o peso do sono, me levantei e recolhi os copos e os restos do lanche que eu e Alice tínhamos comprado. Quando calcei minhas sandálias e me dirigi para a cozinha, ouvi um som muito esquisito vindo da direção da porta azul-turquesa. Era como se algum animal estivesse a arranhando incontrolavelmente do outro lado, tentando entrar na minha sala a todo custo. Imaginei que pudesse ser um cachorro da família Souza, mas me senti incomodado com aquela barulheira e triste ao lembrar das palavras do senhor Álvaro, me garantindo silêncio.

Na manhã seguinte, antes de ir para o trabalho, encontrei a dona Amélia varrendo o corredor de acesso às escadas. Fui até ela questionar sobre o animal que ficou raspando a porta azul-turquesa na madrugada inteira. Fui surpreendido pela cara dela, uma expressão de quem não estava entendendo, como se eu estivesse falando em outro idioma. Dona Amélia me informou que ela e o marido não tinham nenhum animal e inclusive reforçou o que já tinham me dito anteriormente: que aquele cômodo não era utilizado.

Me desculpei pelo incômodo, meio desconcertado e desci as escadas do

prédio. Enquanto seguia para o trabalho de ônibus, fiquei apreensivo e reflexivo se eu não tivera um pesadelo entre um cochilo e outro na noite passada. Cheguei a imaginar que poderia se tratar de um rato, mas o som era alto demais, e nem mesmo uma ratazana enorme seria capaz de criar um barulho daquela intensidade. Talvez nem mesmo um cão.

Eu não contei à Alice sobre os acontecimentos da noite anterior, pois sabia que namorava uma garota muito medrosa. Ela seria capaz de nunca mais me visitar e implorar para que eu me mudasse. Eu sabia também que estava me precipitando em algumas situações com Alice, forçando a barra para ela abandonar tudo e vir morar comigo. Entretanto, esse era meu jeito de ser, um jovem ansioso e que fazia tudo por impulso. Foi assim com o aluguel da quitinete, foi assim com o meu relacionamento com ela.

Nas duas semanas seguintes, eu não conseguia esconder meu desconforto em ficar na sala, lembrando constantemente do arranhão contínuo na porta azul-turquesa. Eu ficava olhando para aquele portal e aguçando os ouvidos, esperando escutar novamente aquele barulho. Eu não tinha percebido que aquele fato tinha me deixado tão aflito. Alice era esperta e percebeu de imediato meu incômodo. Ela ficava perguntando o que eu tinha e se eu estava bem. Eu negava e insistia que estava agindo normal, mas sabia que não estava conseguindo ser convincente.

Numa sexta-feira à noite, após o trabalho, fiquei sozinho na sala usando a internet até tarde. Alice tinha um aniversário de uma amiga para ir e eu não fui. Ela insistiu para que eu a acompanhasse, mas dei algumas desculpas esfarrapas. Eu não gostava do ciclo de amizades dela, um bando de garotas metidas e patricinhas que, apesar de serem atraentes, eram chatas pra caralho. Entre meia-noite e uma hora da madrugada, comecei a ficar paranoico com a porta azul-turquesa. Tive a impressão de ter ouvido o som da maçaneta girando, mas quando olhei, ela estava parada e o silêncio era absoluto.

Inquieto com a situação, resolvi me ajoelhar no sofá e encostar meu ouvido na maldita porta. Por cerca de dez segundos, não escutei nada, no entanto, quando me afastei, comecei a identificar um grunhido estranho, como se alguém estivesse cheirando o buraco da chave. Aqueles velhos deveriam estar mentindo para mim e escondendo um cachorro naquele cômodo. Não havia outra explicação. O que quer que estivesse do outro lado, de repente começou a fungar mais alto, o som estridente como um ronco bestial se propagando pela minha sala. Quase caí pra trás quando algo se chocou com força contra a porta. Alarmado, fui para o meu quarto e tranquei a porta. Fiquei tenso por mais de meia hora, aguardando até que o sono chegasse e me levasse para o mundo dos sonhos.

Depois de um mês morando na quitinete e sem mais incidentes envolvendo aqueles terríveis e esquisitos sons vindo da porta azul-turquesa, resolvi chamar Alice para uma conversa séria sobre o nosso relacionamento e a desaprovação que seu pai tinha com a nossa união. Eu disse que ela já tinha idade suficiente para tomar suas próprias decisões e que se fosse de sua vontade, poderia vir morar comigo. Ela hesitou de início, tentando explicar os motivos do pai e abrindo o jogo sobre um relacionamento abusivo que tivera no passado, que foi responsável pela atual paranoia dele comigo, mas eu implorei para que ela tomasse as rédeas de sua vida e ficasse ao meu lado. Além disso, tendo sua companhia todos os dias, talvez eu pudesse perceber que os barulhos que vinham da porta azul não passavam de coisas da minha cabeça.

Três dias depois da minha proposta, Alice apareceu na minha porta durante a noite, aos prantos e com uma enorme mala de viagem nas mãos. Coloquei ela para dentro e corri para a cozinha a fim de preparar uma água com açúcar, antes de poder descobrir o que tinha acontecido. Ela tinha tido uma discussão feia com seus pais a respeito de nossa relação, que resultou em

um grande desentendimento. Por impulso, ela se irritou ao ponto de dizer coisas que não eram de sua índole e foi expulsa de casa. Sua mãe tentou reverter a situação, mas o pai estava enfurecido, cuspindo palavras de baixo calão para Deus e o mundo. Só restou a ela juntar suas roupas, pertences e vir ao meu encontro.

Talvez em outros tempos Alice escolheria a casa de uma amiga para se esconder, mas tendo um namorado que ansiava por morar com ela, não houve dúvidas em sua cabeça quanto a quem procurar. Eu a recebi de braços abertos, até curtindo o desfecho do problema, mesmo que ela tenha sofrido nas mãos daquele carrasco que ela chamava de pai.

Alice tomou a água com açúcar que eu preparei e começou a se sentir melhor. Eu disse o quanto a amava e o quanto tinha sido melhor assim, que o pai dela era um babaca por tratar a própria filha com tamanho desdém. Ainda que ela estivesse um pouco fechada devido às ocorrências recentes, fizemos amor no sofá da sala pela primeira vez naquela noite. Foi bom para mim. Não foi bom para ela, tenho certeza disso, pois apesar de eu ter sentido prazer, fiquei tenso em vários momentos com aquela maldita porta nos encarando durante o ato sexual. Péssimo lugar havíamos escolhidos para aquela ocasião.

Na madrugada daquele dia, um episódio medonho aconteceu, provando de uma vez por todas que eu não estava louco. Logo depois que adormecemos no sofá devido ao cansaço, fomos despertados por um grito pavoroso e inumano vindo da direção da porta azul-turquesa. Quase caímos do sofá de tanto horror. A primeira coisa que passou na minha cabeça, foi que aquele maldito animal tinha sido colocado de volta no cômodo trancado. Mas não foi um grito de cão, muito menos de outro animal qualquer. Tentei manter a racionalidade e pensei se tratar de algo mais simples. O senhor Álvaro ou a dona Amélia já eram bem velhos, seria muito provável que um dos dois tivesse desenvolvido alguma demência e ficavam circulando de

madrugada, como um sonâmbulo, e falando sozinhos.

Este pensamento me tranquilizou por alguns minutos, porém, um segundo urro, ainda mais cavernoso que o primeiro, deixou Alice em completo estado de pânico. Eu sentia meu coração quase sair pela boca, um batimento violento que me deixou arfando e com os cabelos dos braços arrepiados. Um cheiro de café queimado invadiu nosso cômodo. Perguntei uma dúzia de vezes para Alice se ela tinha escutado também aqueles gritos, apesar de estar claro em seu rosto espantado que sim, ela tinha.

Apertei o botão do meu celular para ver as horas e já eram três da madrugada. Pedi Alice que aguardasse um momento enquanto eu ia bater na porta dos Souza e ver o que estava acontecendo. Vai que eles precisavam de ajuda? Alice agarrou meu braço e disse que era tarde, que não ficaria ali sozinha. Implorou para que eu a deixasse me acompanhar.

Fomos para o corredor de mãos dadas, ambos tremendo muito, enquanto as luzes piscavam e emitiam um zumbido característico de filmes de terror. Era tudo clichê demais para ser verdade. Tentei não me abalar e corri para a porta dos velhos o mais rápido que pude, puxando Alice pelo braço. Toquei a campainha três vezes seguidas, tamanha tensão que se abatia sobre mim naquele momento. Como não obtive resposta, comecei a esmurrar a porta com força e a gritar pelo nome do senhor Álvaro.

De repente, entre um soco e outro, ouvimos o barulho de um molho de chaves e a rotação dele na fechadura da porta. Ela se abriu e demos de cara com a dona Amélia, usando um pijama folgado xadrez, de cores rosa e preto. Seus cabelos estavam completamente desgrenhados e um olhar assustado indicava sua surpresa. Pedimos mil desculpas e explicamos o porquê de todo nosso alvoroço.

A senhora Amélia se apressou em nos tranquilizar, dizendo se tratar

apenas de um pesadelo sofrido por seu marido. Ela disse que era comum esse tipo de situação ocorrer durante alguma madrugada e me pediu perdão por não terem sido sinceros comigo antes, sobre o tremendo barulho que ele causava. Perguntei sobre o cachorro novamente, desacreditado de que alguém pudesse produzir aqueles sons macabros que transpassavam paredes apenas dormindo. Mais uma vez a dona Amélia negou a existência de um animal em sua casa. Mesmo com o seu pedido de desculpas, me senti traído pelo casal de idosos, que me apresentaram um imóvel aconchegante, porém, com vários problemas desconfortantes. A situação tinha piorado. Imagine todas as noites ser acordado por um berro alucinado como aquele e depois as malditas garras arranhando a madeira?

Fingi que estava tudo bem e me despedi rapidamente da dona Amélia. Eu e Alice voltamos para a quitinete e fomos direto para o quarto, que era o cômodo mais distante da sala. Assim, talvez o som infernal que saia da boca daquele velho e seus ataques de fúria não fossem capazes de nos assombrar como da última vez. Alice estava muito fraca, tremia muito e eu tentava a todo custo acalmá-la dentro do possível. Ela me questionou sobre a pergunta que fiz para a dona Amélia sobre o cachorro, mas eu desviei do assunto.

Enquanto eu acariciava sua cabeça deitada em minhas pernas, Alice reclamou de uma dor de ouvido, e eu notei que seus canais auditivos apresentavam uma secreção estranha, azulada e espeça. Era o mesmo tom de azul da porta. Fiquei espantado com aquela situação, mas optei por não lhe contar, com medo de que ela se desesperasse ainda mais. Por sorte tínhamos remédio para dores de ouvido na caixa de primeiros socorros do banheiro e aproveitei para limpar e higienizar a entrada dos canais auditivos dela. Eu disse que não ficaríamos naquele lugar por muito mais tempo, que, na manhã seguinte, quebraria o contrato com a família Souza.

Não conseguimos dormir pensando na bizarrice vivida naquele rápido

episódio, logo após um momento íntimo tão agradável. Ou melhor, quase tão agradável. A noite passou lentamente entre conversas desanimadas sobre a briga dela com o pai e a minha infeliz investida naquela moradia. Com certeza o senhor Álvaro era mesmo o responsável pelos arranhões, empurrões e gritos no cômodo ao lado da sala. Aquele velho estava delirando e o motivo devia ser a avançada idade. Mesmo assim, era assustador demais imaginar uma situação dessas.

Mais duas semanas se passaram sem que acontecesse outro incidente como aquele com o senhor Álvaro. Logicamente eu desisti de quebrar o contrato por pura pena e fui ficando mais um tempo, vivenciando dias de amor e ódio com Alice que estava um porre, reclamando o tempo todo de sua família e do fato de eu não querer me mudar do apartamento. Vivia os dias cabisbaixa pelos cantos, sem estudar ou trabalhar e perdendo peso. Apesar de amá-la tanto, eu era péssimo em confortá-la naqueles momentos.

Mais uma noite estávamos na maldita sala assistindo os últimos episódios de um seriado que nós amávamos, quando ela começou um papo sobre machismo, que dizia respeito a minha insensibilidade com suas questões familiares e como eu só pensava em mim e na minha satisfação sexual. Alice queria retomar o contato com os pais e eu não apoiava tal atitude. Se eles não se importam com a filha, porque deveríamos procurá-los? Joguei na cara dela que eu era sua família agora e o único que estava colocando comida na mesa, pagando as contas, enquanto ela ficava à toa em casa, tomada pela tristeza.

O bate-boca se prolongou por uns trinta minutos e foi justamente quando eu estava começando a compreendê-la, deixando meu orgulho de lado, aceitando minha arrogância e sendo menos babaca, que a discussão foi interrompida por um guincho diabólico. Não sei quem me assustou mais, os supostos gritos do senhor Álvaro ou o brado aterrorizado de Alice nos meus

ouvidos, enquanto me agarrava com força. Novamente aquele maldito cheiro de pó de café queimado invadiu nossas narinas. Por que diabos alguém estava queimando pó de café numa hora dessas? Não seria por esse motivo que o marido da dona Amélia ficava acordado madrugada adentro, à mercê de seus piores pesadelos?

Meu coração martelava com força dentro do peito e minha respiração vacilou por um instante. Eu poderia ter morrido naquele momento, tamanho o susto que levei com aquela situação. O que mais nos apavorou não foi apenas o rugido maléfico vindo da porta azul-turquesa, mas o tempo que ele permaneceu existindo. Presenciamos quase dois minutos contínuos de puro horror até que o silêncio retornasse naquela madrugada cruel.

Alice teve um ataque de pânico e queria que fossemos embora dali a qualquer custo. Expliquei a ela que não era possível simplesmente sair naquele horário da noite e que, por mais amedrontador que fosse ficar ali, seria mais seguro aguardar até o amanhecer. Passamos o resto da madrugada conversando, trêmulos diante da situação e certos da impossibilidade de continuar morando naquela residência. Por mais que tentássemos entender os problemas vividos pelo senhor Álvaro e seus surtos, tudo era assombroso demais para qualquer um levar na boa e no entendimento. Tive pena da senhora Amélia, que mesmo já acostumada com o problema de seu marido, deveria quase partir deste mundo todas as vezes que o velho abria a boca para a passagem daquela melodia assustadora.

Alice voltou a apresentar fortes dores de cabeça e não notou que novamente saia uma secreção esquisita de seus ouvidos. Fiz rapidamente a higienização e pinguei remédio nos canais auditivos dela. Ela disse que precisaríamos procurar um médico, mas eu desconversei mais uma vez e disse que não era necessário. Era melhor que ela continuasse não percebendo.

Na manhã seguinte, era sábado e eu saí cedo para comprar pão na padaria da esquina. Enquanto descia os lances intermináveis das escadas, me deparei com um dos vizinhos do segundo andar batendo o tapete ao lado de fora do corredor. Era uma linda mulher na casa dos quarenta anos que eu via as vezes durante as passagens pelas escadas. Ela era bem alta e usava os lisos cabelos presos em um coque atravessado por um pauzinho de comida japonesa. Era muito atraente, porém estava vestindo um pijama ridículo estampado com cabeças de panda, acompanhado de pantufas de gatinho. Ela naturalmente ficaria muito melhor usando uma blusa regata justa e um short curto para realçar aquele par de pernas longas. Antes de continuar com meus pensamentos pervertidos, fui interrompido inesperadamente por sua expressão de espanto ao me ver.

A vizinha largou o tapete no chão e se aproximou devagar, colocando o dedo indicador na frente dos lábios, pedindo-me silêncio. Fiquei espantado com a ação repentina dela e travei no último degrau da escada, sem entender nada. Pensei que ela tivesse visto Alice, mas ela começou a cochichar próximo do meu ouvido e eu senti um aroma de chiclete de menta. Fiquei desconcertado com sua aproximação, mas não me afastei.

Ela soltou palavras tão baixas, que fui obrigado a me aproximar ainda mais. Consegui identificar algumas poucas palavras. A mulher dizia que os vizinhos achavam que os Souza jamais conseguiriam alugar a quitinete novamente, pois existiam rumores entre os moradores de que os dois idosos eram adeptos de cultos satânicos na madrugada. Inclusive que alguns moradores já tinham visto, por pequenas aberturas de suas portas, o casal levar pessoas estranhas para o andar de cima entre duas e três da madrugada, e essas mesmas pessoas nunca mais eram vistas deixando o local. Pediu-me para não me envolver demais com aqueles velhos e não ficar lhes fazendo perguntas.

É claro que acreditei que tudo não passava de papo furado. Fofocas são contadas de porta em porta até que uma simples palavra se torne um imenso parágrafo. Ouvimos um barulho no alto da escada e eu sobressaltei na mesma hora. Ao olhar para trás, dei de cara com o senhor Álvaro descendo o primeiro lance com dificuldade. Apesar de também estar com medo daquele velho, suspirei aliviado por não ter sido Alice. Escutei uma porta batendo e quando olhei, era a vizinha que tinha evaporado para dentro de seu apartamento como se nossa conversa nunca tivesse existido.

O velho me saldou com um longo bom dia, abrindo um sorriso largo de dentadura bem cuidada. Me apressei para ajudá-lo, apesar do desconforto que sentia em sua presença. O papo estranho da vizinha tinha fundamento? Quando saímos do conjunto de apartamentos para a rua, o senhor Álvaro me pediu desculpas pelo transtorno que vinha causando. Ele me explicou que seu problema não tinha tratamento e que sua esposa sofria muito com a atual situação. Me pediu compreensão e disse que não demoraria muito para ambos se mudarem e deixar o apartamento do terceiro andar ocupado apenas por mim e Alice. A ideia do casal era ir morar bem longe, num sítio com animais, próximo de uma cachoeira e cercado por vegetação.

Senti pena dele por um instante, vendo aquele corpo franzino e derrotado pela idade, mas não conseguia me imaginar perdendo mais noites de sono por causa de um velho problemático, e muito menos acreditar que Alice conseguiria continuar morando comigo naquele lugar. Eu precisava contar para o velho que pretendia me mudar, mas deveria ter cuidado para não magoá-lo. E isso era difícil pra caramba! Até agora não sei bem porque me importava com os sentimentos dele.

Me despedi do senhor Álvaro rapidamente e fui na padaria comprar pães, pó de café e leite. Lembrei-me daquele maldito cheiro de pó queimado, o que me fez pensar em substituir o café por um achocolatado. Não sei para

onde o senhor Álvaro foi e nem dei importância. Desejei maldosamente que ele morresse no meio do caminho. Enquanto aguardava na fila do caixa, escutei um burburinho entre duas senhoras, bem atrás de mim. Ao captar parte da conversa, fiquei extremamente aflito. Paguei a funcionária da padaria com uma nota de dez e nem fiquei para pegar o troco, pois eu queria partir dali o mais rápido possível.

Subi os lances de escada de três em três degraus, saltando de um para o outro sem me preocupar com um possível acidente. Tive dificuldades para abrir a porta devido ao nervosismo, o molho de chaves caindo no chão por duas vezes. Quando entrei, bati a porta desajeitado e tranquei com velocidade, assustando Alice que aguardava do lado de dentro. Ela tinha acabado de sair do banheiro e vinha em direção à sala, provavelmente por me ouvir chegar. Estava usando uma toalha para secar seus cabelos escuros e longos, e seus olhos castanhos me fitaram com desconfiança.

Puxei ela pelos braços em direção ao nosso quarto, cochichando baixo para que ela me seguisse. Alice confundiu minhas ações, pensando que eu a jogaria na cama para uma manhã de amor selvagem. Ela não percebeu de imediato que nada rolaria naquele dia, ficou dando risadinhas maliciosas e se sentindo desejada, mas eu acabaria com sua excitação em minutos.

Eu lhe contei o que acabara de ouvir na padaria. Ela sentou na cama de frente para mim e eu derramei sobre ela uma grande quantidade de palavras aterradoras. As duas idosas na padaria não deviam me conhecer, pois começaram um diálogo aberto aos sussurros sobre mim, sem saber que eu estava ali na frente delas o tempo todo. Não falaram meu nome, mas identifiquei que a conversa era sobre o novo inquilino do casal Souza. As senhoras disseram que apenas um desinformado teria coragem de alugar aquele imóvel amaldiçoado e que, há cerca de um ano e meio, sete moradores da quitinete, em períodos diferentes haviam morrido inexplicavelmente

dentro dela. As investigações policiais não levaram a nada. Os laudos apontavam para parada cardíaca em todos os casos.

Alice digeriu minhas palavras com um certo assombro e depois me perguntou inocentemente se, devido aos gritos noturnos do senhor Álvaro, essas pessoas não teriam morrido de susto. Eu neguei com a cabeça e pensei a respeito, imaginando se tratar de uma conclusão improvável e débil. Ela não prestara a atenção na quantidade de mortes? Não era possível que sete pessoas pudessem morrer de susto, a não ser que coincidentemente todas tivessem um sistema cardíaco comprometido. Mas não nego que durante aqueles episódios ocorridos na sala, minha alma quase me deu boa noite e partiu para o além.

Passamos a tarde pesquisando na internet sobre as mortes, com Alice o tempo todo brigando comigo para deixarmos aquilo de lado e voltarmos cada um para o abrigo de nossos pais, até que fosse possível encontrar outro local para morar. Discuti com ela e continuei minhas pesquisas, enquanto ela chorava baixinho no quarto. Eu fui um otário com ela e não nego. Não sei o que ela viu em mim, um fracassado sem futuro e acomodado que roubou a filhinha do papai que poderia ter seguido uma carreira na área de direito e estar agora criando um futuro brilhante. Mas eu estava piorando a cada dia, tenso e irritado pela porcaria da porta azul-turquesa na minha sala. Por que diabos eu não me mudava? Isso se chama comodismo. Eu disse que eu era assim, acomodado.

A imprensa de nossa cidade era uma merda, relatando umas notícias sem valor nenhum para o que eu procurava. Sete pessoas morreram dentro de uma quitinete e foda-se. Fiquei muito puto com o descaso das autoridades locais, que trataram aquelas ocorrências com a mesma importância que se dá ao grave problema da fome no mundo. Pessoas morreram, ponto. Eu não ia entrar para essa lista. Foi então que, assustado e desorientado, resolvi

enfrentar meus pesadelos e decidi dar uma olhada na porta azul-turquesa para descobrir que desgraça era aquela que acontecia do outro lado. Fui até o quarto e contei para Alice o que eu estava prestes a fazer. É lógico que ela foi contra. Segurou meu braço e repetiu dezenas de vezes: “não, não, não, não, não, não, não, não, não, não”.

Me dirigi à sala mesmo sob seus alarmantes protestos. Alice segurou-me pela camisa e implorou para que eu não fizesse isso, que eu era doido por querer arrombar a porta azul-turquesa para espionar o cômodo do lado dos Souza. Nada disso me afetou e eu continuei caminhando, arrastando ela junto comigo até a sala. Eu não podia adiar nem mais um dia, se não enlouqueceria de vez. Precisava provar a mim mesmo que eram coisas da minha cabeça. As vezes tomamos essas decisões sem sentido, enfrentando os perigos mesmo sabendo que podemos nos ferrar. No fundo, o medo é uma sensação necessária.

Quando chegamos lá, Alice novamente clamou para que eu desistisse e que arrumássemos nossas coisas e fossemos embora para sempre daquela residência. Não lhe dei ouvidos. Arrastei o sofá para esquerda, até que a porta ficasse desobstruída. Uma energia negativa se abateu sobre mim naquele momento, e eu cheguei a cogitar em atender as preces de Alice. Uma sensação ruim me despertou para a racionalidade, uma sensação de que atrás daquela porta, algo muito maléfico nos aguardava.

Vacilei e me questionei, mas não demorei muito nessa condição. Olhei para Alice clamando sem parar, mas, mesmo assim, coloquei minha mão na maçaneta oxidada pelo tempo. Ouvi um barulho do outro lado e me assustei, mas não renunciei à minha decisão. Eu deveria ter dado atenção às súplicas de Alice. Só percebi isso depois que empurrei a porta sem arrombá-la e ela se abriu.

A porta esteve todo aquele tempo destrancada. Só esse motivo já era devidamente assustador! Afinal, mesmo tendo ali do outro lado apenas um casal de idosos, era desconfortante pensar que eles poderiam, a qualquer momento, entrar na minha sala por ali. Transei com Alice naquele cômodo algumas vezes e dormimos nus até a manhã seguinte sem nunca nos preocuparmos com a possibilidade de estarmos sendo observados.

No momento em que dei o primeiro passo para espiar dentro do cômodo que se encontrava completamente às escuras, Alice tentou uma última vez me trazer de volta ao juízo, sussurrando palavras como “não entre aí” e “feche essa porta”. A porta rangeu e eu passei para o lado de dentro sem dar ouvidos a ela. Sob a luz fraca que entrava de uma janela coberta por cortinas escuras, consegui distinguir dois vultos encostados na parede da lateral direita. A sensação de entrar em um território tomado pela maldade era espantosamente difícil de descrever.

Um mal cheiro repugnante me roubou o fôlego, mas cobri meu nariz e a boca com minha camiseta, tentando diminuir o ar venenoso daquele ambiente. O cheiro era de alguma coisa podre, como carniça ou comida estragada há mais de meses. Senti algo se mover à minha frente e travei no lugar onde estava, mantendo o silêncio enquanto Alice, ao lado da porta, tampava a boca com as duas mãos. Ela fez um gesto me chamando de volta à sala, mas virei para a frente e continuei seguindo na direção da janela, passando a mão pelas paredes em busca de um interruptor. Eu nem se quer tinha uma lanterna em casa e havia esquecido o celular na cozinha, contudo, não quis retornar para buscá-lo.

Com passos curtos e lentos, fui surpreendido ao escorregar em alguma coisa gosmenta que me fez perder o equilíbrio. Me recompus e passei o pé pelo chão tentando identificar aquele fluido, mas devido à escuridão do cômodo não pude saber do que se tratava. A tensão tomou conta de meu ser e

a expectativa do que eu poderia encontrar à frente dominava minha mente a cada passo. Quando minha visão se acostumou com o ambiente, consegui chegar até a janela, empurrar a cortina e deixar a luz entrar.

Antes de poder correr todo o tecido pelo varão, fui surpreendido por uma cena hedionda e inexplicável: em baixo da janela, encontrei o casal Souza, ambos encostados na parede e desacordados, como se estivessem em coma induzido. De suas narinas, saiam extensos tubos, muito semelhantes aos tubos nasais de alimentação, usados em pacientes nos hospitais. A diferença crucial era que aqueles malditos tubos eram azuis-turquesa e tinham vida própria! Eles se moviam em ondas e pulsavam a cada segundo, como um batimento cardíaco, introduzindo alguma substância dentro daqueles corpos envelhecidos.

Com a cena tenebrosa que revelei, Alice soltou um grito de pavor e se afastou da porta. Com essa ocorrência, fui assombrado de imediato, me afastando daquela cena inadmissível e bizarra. Foi então que, de repente, um brado que só pode ter saído da boca do próprio anjo das trevas, cortou o ar em meio àquele espetáculo anormal, seguido de um barulho que se assemelhava a uma explosão. Outros sons se misturaram no ambiente, uma combinação de placas de aço, cacos de vidro e cerâmica. Não tive tempo de entender o que aconteceu, tamanha agilidade dos acontecimentos. Era como se o imóvel tivesse começado a ser demolido.

Um vulto gigante e azulado, que eu não notara antes, saiu das sombras que se formavam perto dos velhos e passou por mim, me jogando contra o chão. Caí sobre uma bandeja de alumínio cheia de um pó escurecido, que se espalhou pelo cômodo. Pelo aroma que subiu, notei que era pó de café. Me arrependo por ter tomado a decisão de olhar para aquele ser. Não consegui compreender de imediato, mas a criatura era do mesmo tom da porta azul-turquesa. Sua pele era encaroçada, como se estivesse em estágio avançado de

varíola. A cabeça era uma massa flácida, grande e redonda. Tudo na sua face era mole: os olhos, o nariz e os lábios enormes. O olhar era pura perversidade. O corpo, no geral, deveria pesar uns duzentos quilos, o que tornaria qualquer ser humano incapaz de conseguir se movimentar direito, ainda mais tão rápido como aquela monstruosidade. Era largo e adiposo, com uma massa capilar semelhantes a tubos de látex saindo de seu couro cabeludo. Não consegui conter um vômito.

Quando aquele demônio chegou na soleira da porta, se espremendo como gelatina pelo portal, vi Alice dar um último suspiro em completo horror. O som emitido por ela foi um guincho de repulsa e medo. Vi quando ela caiu no chão com a face voltada para minha direção, seu lindo rosto dando lugar a uma máscara de espanto e lágrimas. Eu devo ter gritado o nome de Alice tão alto como aquele ser asqueroso era capaz. Ao desviar do olhar de minha amada e aceitar que ela partira para sempre, notei algo que tinha sido imperceptível no primeiro momento, mas que agora estava ali claramente visível desde que a criatura chegou próximo de Alice: dois dos tubos que saiam da cabeça da besta tinham sido introduzidos nos ouvidos dela. Que diabos era aquilo? Não tenho faculdade mental para explicar e nem ficaria ali para descobrir.

Corri desvairadamente para a única saída disponível do lado oposto do quarto, com minha boca amargando devido ao vômito. Encontrei uma porta que dava para o corredor do apartamento do casal de velhos. Não percebi que havia um tapete longo estendido no chão e escorreguei nele, batendo com meu queixo no chão com muita força. Senti a explosão e não consegui conter um grito gutural. Eu sabia que não poderia perder mais tempo, pois pelo som que vinha do cômodo atrás de mim, o monstro azul-turquesa estava a caminho.

Quando me levantei e corri, minhas vistas escureceram. Apesar disso,

não deixei que a falta de visão ou o desmaio me impedissem de desaparecer daquele lugar. Chegando na sala que ficava no final do corredor, enxerguei a porta que daria para o lado de fora do apartamento. Para minha sorte, a chave da residência estava presa no porta-chaves ao lado de um grande retrato do casal Souza quando eram mais jovens. Eu devia estar delirando, pois identifiquei uma data em evidência na lateral direita do porta-retratos. Era o ano de 1890.

Peguei a chave e enfiei no miolo desesperadamente. Nesse momento os meus sentidos começaram a voltar, porém a dor no queixo era torturante e o sangue escorria pelo ferimento que se abrira. Então, de repente, senti duas cordas amolecidas e nojentas apertarem minha garganta, impedindo minha respiração. Puxei com toda a força aquelas tripas sebosas até que elas se rompessem. Um berro de sofrimento propagou-se pela sala e quase me ensurdeceu, fazendo com que eu tampasse os ouvidos. Desta vez foi tão alto, que cheguei a sentir um choque dentro da cabeça e uma diminuição em minha audição.

Dei a segunda volta na chave, diante de vários estrondos de móveis revirando e vidros se quebrando, com a monstruosidade tentando vir em minha direção novamente. Arranquei o quadro com a foto da parede e saí para o corredor dos apartamentos daquele andar, batendo a porta com todas as minhas forças e trancando novamente. Eu estava exausto e acabei por escolher sentar nos últimos degraus das escadas, tentando colocar meus pensamentos em ordem e recuperar o fôlego. Os barulhos no apartamento cessaram. Olhei para o porta-retratos em meu colo, uma foto legítima em preto e branco de um passado distante. O casal deveria estar na casa dos trinta anos quando aquela foto foi tirada, em frente a uma rua de chão batido, movimentada por pessoas e carros antigos. Um nítido volume acima da pélvis da jovem dona Amélia indicava a vinda de um bebê que nunca chegaria a

nascer. Esses fatos tornavam impossível que ambos ainda estivessem vivos, pois aquela foto tinha mais de cento e vinte anos!

Que segredos escondiam a família Souza e com que tipo de forças ocultas eles estavam se envolvendo? E o que era aquele demônio azul com a mesma cor da porta? Porque ele tinha aquela forma bizarra e nojenta? O que eram aqueles tubos azuis nos ouvidos de Alice e nos narizes do senhor Álvaro e da dona Amélia, e quais suas finalidades? Foi então que, em meio a tantas questões, virei o porta-retratos e vi que atrás dele era possível enxergar uma série de caracteres e símbolos incompreensíveis rabiscados com o que me pareceu ser sangue. Abri a parte de trás e encontrei uma pequena fotografia instantânea, que antes que eu pudesse pegá-la, escorregou por entre minhas pernas e voou para o degrau de baixo. Estiquei o braço e a segurei entre meus dedos antes de ser abalado mais uma vez.

Eu não podia acreditar no que meus olhos enxergavam. Espantado, deixei a foto cair novamente, assim que compreendi o que ela revelava: a jovem dona Amélia sentada em uma poltrona antiga, usando um lindo vestido de renda de época e com decote alto. Em sua cabeça, um grande chapéu com fitas. O que me deixou verdadeiramente apavorado, estava repousando em seu colo. Ela segurava uma coisinha empolada e hedionda, de ossos flexíveis e carne gelatinosa de cor azul-turquesa. Uma cor que deveria trazer bem-estar, mas impregnada naquela pequena monstruosidade só trazia repulsa e horror. Era, sem sombra de dúvidas, o filho que o casal me dissera ter perdido. Não havia outra explicação. Ali estava o preço cobrado pelo demônio em troca dos anos extras de vida. Dona Amélia dera à luz um filho do diabo.

Tomado pelo assombro, enquanto tentava interpretar os últimos acontecimentos, senti um formigamento nos pés e uma fraqueza inacreditável nos músculos, o oxigênio me abandonando. A visão foi tomada por manchas

escurecidas, até que a minha consciência partiu e eu caí rolando pelos degraus abaixo, carregado de revelações indescritíveis. Antes de desfalecer, ouvi uma explosão de madeira se quebrando.

Eu me encontrava no escuro com apenas a maléfica porta azul-turquesa na minha frente. A cor sempre foi um aviso do que se encontrava naquele quarto, mas a mensagem não foi colocada ali para mim. Ela já estava presente muito tempo antes. Consegui abrir os olhos e deixar aquela miragem. Avistei a vizinha do andar debaixo encostada no corrimão próximo a mim. Ela usava um *baby doll* curto e olhava em minha direção com o dedo indicador encostado nos lábios avermelhados pelo batom, pedindo-me silêncio mais uma vez. Apoiei os braços para me levantar e senti a dor aguda em quase todos os ossos do meu corpo. Percebi uma extensa mancha de sangue no chão que crescia a cada pingo que escorria do meu queixo. Escutei o guincho do diabo vindo lá de cima. A vizinha continuava gesticulando com o dedo na frente da boca, mas dessa vez, de forma totalmente provocativa. Ela soltou os longos cabelos, deixando que caíssem na altura de suas coxas. Me entreguei àquele delírio.

Para minha surpresa, uma mão macia se estendeu entre mim e a vizinha. Reconheci o cheiro do perfume adocicado de Alice quando ele invadiu minhas narinas. Ele veio misturado com o cheiro de pó de café queimado, corrompendo a essência de minha amada. Aquele maldito e filho da puta aroma de café queimado, provavelmente usado para disfarçar aquele odor opressivo da besta! Alice tinha morrido, disso eu me lembrava, então o que ela fazia ali? Ignorei a vizinha e ergui minhas mãos para Alice me ajudar a levantar. Ignorando a minha nítida falta de lucidez, deixei que meu amor me puxasse para um abraço acalorado naquele corpo quente. O que estava acontecendo? Alice não tinha morrido? Eu já tinha me perguntado sobre isso. No corrimão, a vizinha levantava a blusa lentamente e dava início a uma

dança sedutora, brincando comigo e desejando que eu me aproximasse dela para tocar seus seios, no entanto, Alice tampou meus olhos e me beijou.

Quando a mão de minha amada desceu para minha boca e eu pude voltar a enxergar, o que acabei vendo foi aquele corpo flácido, imenso e coberto de caroços da criatura demoníaca. Eu via Alice sorrindo para mim no reflexo dos olhos da besta, como uma transmissão televisiva. Porque eu fui capaz de confundi-la com aquela repugnância nojenta? Aquela criatura hedionda, nascida do ânus de algum peixe-bolha. Eu comecei a sentir que meus ouvidos tinham sido invadidos por alguma substância gosmenta e quente. O olho podre daquele ser inchado refletia agora a vizinha se insinuando para mim, aquela súcubo atrás de uma trepada.

Então, chegou aquele momento em que você percebe que é hora de acordar. Você se esforça dentro do pesadelo para entender que tudo não passa de um truque da sua mente cansada. Mas eu não acordei, fiquei sentindo a vertigem, condenado ao sofrimento e vivenciando aquela experiência sombria produzida por aquele mal esmagador. Ao fechar as pálpebras, passei a enxergar uma maldita porta azul-turquesa em meio à escuridão. Me perguntei: “e se eu imaginei isso tudo?”. O demônio não me mata, mas me castiga e me tortura com crueldade. Minha vida inteira vai passar bem diante dos meus olhos a qualquer momento. E se reviver todos os momentos fodidos que passei até agora é o que acontece quando se morre, então eu prefiro deixar que a morte me acolha e me carregue para longe deste planeta azul hostil e me deposite em uma outra esfera envolta em trevas. Um mundo onde não haja responsabilidades, nem pais, nem cores. E nem portas.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus por sempre me trazer grandes oportunidades e me guiar pelas melhores escolhas. Agradeço imensamente à minha namorada, Grasie, que sempre me encoraja e leu e releu esse conto dezenas de vezes, desde que ele era apenas um rascunho de ideias e me deu várias dicas preciosas para que ele chegasse no resultado final. Aos meus amigos que sempre torcem por mim e aos que leram o conto antes de outras pessoas e me deram análises positivas, o que serviu para me animar ainda mais a escrever novas histórias horripilantes.

O AUTOR

Charlitto Ogami é Designer Gráfico, fã de quadrinhos, literatura e filmes de terror dos anos 80. Ainda na infância, assistia Evil Dead e Sexta-Feira 13 na companhia da mãe. Tem como maior inspiração para a escrita, os autores H. P. Lovecraft e Clive Barker. Nasceu e vive em Vila Velha no Espírito Santo, onde escreve histórias baseadas em seus indescritíveis, inconcebíveis e inomináveis pesadelos.